



AULA DE CAMPO E ENSINO DE GEOGRAFIA: O MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DE MATO GROSSO COMO ESPAÇO EDUCATIVO

Gabriel de Miranda Soares Silva¹

Introdução

As atividades em campo desempenham um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem em Geografia, proporcionando aos estudantes a oportunidade de concretizar os conceitos e temas discutidos em sala de aula. Assim sendo, transcende os limites escolares e promovendo o aprendizado em diferentes espaços do mundo. Este artigo tem como propósito apresentar um relato de experiência no processo de ensino de Geografia no Museu de História Natural de Mato Grosso, destacando como o museu contribui para a compreensão dos diversos conceitos geográficos pelos estudantes.

O objetivo deste artigo é oferecer algumas reflexões sobre as aulas e atividades em campo realizadas com estudantes do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em Química e Meio Ambiente do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) – Campus Cuiabá Bela Vista, os quais estavam matriculados nas disciplinas Geografia I e Geografia II durante o ano letivo de 2022.

Como recurso metodológico, destaca-se uma pesquisa documental e bibliográfica, juntamente com as aulas de campo conduzidas com os estudantes, proporcionando o registro de fotografias e análises. Posteriormente, foi realizada uma reflexão coletiva com os estudantes, com o intuito de compreender a importância das aulas e do trabalho de campo no processo de ensino-aprendizagem de Geografia.

Aula de Campo

No processo de ensino e aprendizagem de Geografia, as atividades em campo são importantes instrumentos metodológicos, proporcionando aos estudantes uma integração entre o ambiente escolar e o mundo exterior (Silva, 2019). Silva e Oliveira (2020, p. 230) enfatizam que "quando é possível realizar uma saída para trabalho de campo, os conteúdos ganham vida e a compreensão da turma se torna, de certa forma, mais fácil".

A aula de campo estimula o diálogo, ao unir teoria e prática de maneira a permitir a observação de diversos conceitos fundamentais da Geografia ao longo das atividades em campo. Castro (2017, p. 205) destaca que "[...] todavia, deve-se tomar o cuidado para que a

¹ Bacharel, Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Atualmente é doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Email: gabriel_miranda@discente.ufg.br

relação sala de aula versus atividade de campo não seja abordada de forma dualista e mecânica, e sim de forma articulada, integrada, complementar". Além disso, o autor ressalta que,

[...] as atividades de campo devem ser norteadas pela análise geográfica integrada e assentada em discursões teóricas e conceituais críticas e contextualizada sob a ótica transecular, estimulando a postura questionadora e investigativa dos alunos [...] dos ciclos fundamentais e médio. Os resultados dessas atividades devem ser debatidos e socializados por meio de eventos e redes sociais (Castro, 2017, p. 208).

Desta forma a atividade de campo deve ser planejada e apresentada aos estudantes, de modo que aconteça o pré-campo, onde serão apresentados os objetivos da atividade de campo, as normas de conduta no transporte e no museu, a atividade de campo onde se concretizarão as atividades e pós-campo, onde serão realizadas a entrega das atividades e avaliações das etapas anteriores.

Museu de História Natural de Mato Grosso

O museu de História Natural de Mato Grosso (MHNMT) está localizado na Avenida Manoel José de Arruda no bairro Jardim Europa em Cuiabá, às margens do Rio Cuiabá, como pode-se observar a figura 1.

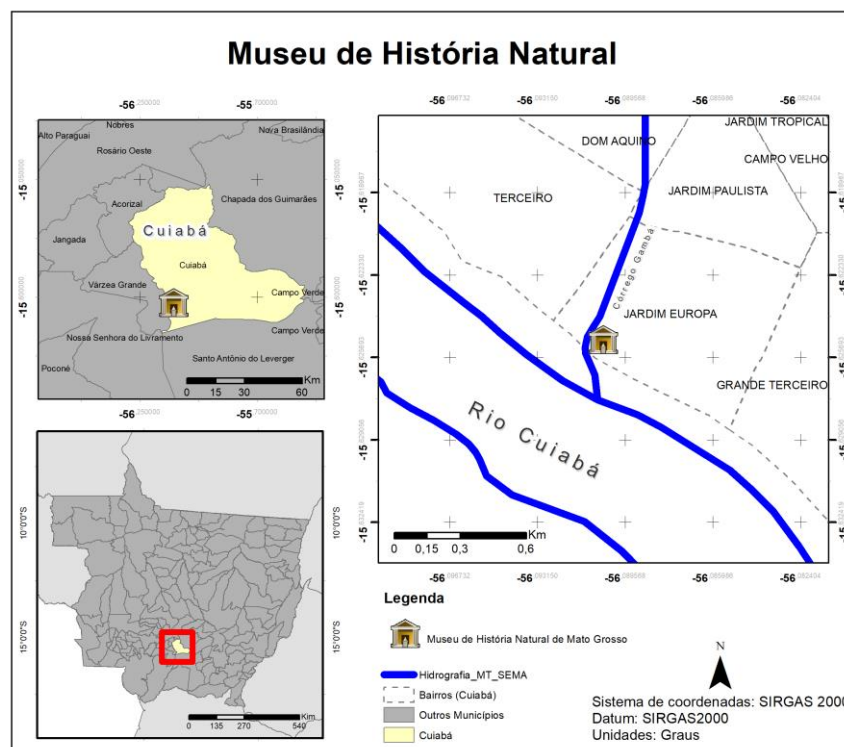


Figura 1 – Localização do MHNMT

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

O museu apresenta diversas exposições, incluindo as permanentes, temporárias e itinerantes. Além disso, oferece um tour virtual. Entre as exposições permanentes, destaca-se a sala principal do museu, que se divide em quatro vertentes: Histórica, Arqueológica (pré-histórica e histórica), Paleontológica e Etnológica. Durante a exposição guiada pelos monitores do museu, são abordados temas como a origem da Terra, as transformações de sua biodiversidade (com enfoque na biodiversidade pré-histórica de Mato Grosso), as populações originárias mato-grossenses e a diversidade cultural dos povos indígenas (Hirooka *et al.*, 2020). Na figura 2, é possível observar os estudantes analisando a exposição.



Figura 2 – Estudantes na Sala Principal do MHNMT

Fonte: Acervo do autor, 2023.

Ainda na sala principal é possível observar fósseis de variados períodos geológicos, além de painéis interativos que demonstram a transformação da litosfera terrestre (fragmentação da Pangeia), como demonstra a figura 3.

Dentre as exposições permanentes, o museu também apresenta a exposição histórica da Casa Dom Aquino, espaço que abriga o museu e retrata os ilustres moradores da casa no passado, desde a sua construção até períodos mais recentes. Hirooka *et al.*, (2020, p. 149), destaca que,

A Casa Dom Aquino foi construída em 1842. [...] Hoje a residência é tombada pelo estado e abriga o Museu de História Natural de Mato Grosso (MHNMT). A casa em estilo colonial possui traçado arquitetônico em formato de “U” com 12

cômodos e fachada voltada para o rio Cuiabá, que se encontra a poucos metros de distância (Hirooka *et al.*, 2020, p 149).



Figura 3 – Painei Pangeia

Fonte: Acervo do Autor, 2022.

Segundo Zanquetta *et al.* (2022), a Casa Dom Aquino tem aproximadamente 180 anos e, desde a sua construção, é habitada por ilustres moradores ao longo desse período. Entre eles, destaca-se Joaquim Duarte Murtinho, nascido na residência em 7 de dezembro de 1848. Murtinho, foi um importante empresário no ramo da exploração da erva-mate no Sul de Mato Grosso, eleito senador por três mandatos de 1890 a 1911. Sua presença na política foi particularmente notável durante a gestão do presidente Campos Sales, onde ocupou o cargo de Ministro da Fazenda de 1898 a 1902 (MHNMT, 2023).

Conforme o acervo do museu relata, os pais de Joaquim Murtinho viveram por pouco tempo na casa, vendendo-a posteriormente para a família de Dom Aquino Correia, que empresta seu nome ao espaço. Dom Aquino Correia, ou Francisco de Aquino Correia, foi arcebispo de Cuiabá, governador do estado de Mato Grosso entre 1918 e 1922, fundador da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Ele foi também, o primeiro mato-grossense a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (MHNMT, 2023). Na figura 4, é possível observar a fachada da casa.



Figura 4 – Fachada da Casa Dom Aquino

Fonte: MHNMT, 2021.

Dentre os espaços de exposições no museu, destaca-se a exposição das máscaras sagradas da etnia Waurá, que possui o objetivo de divulgar a materialidade, morfologia e ritualística no Alto Xingu, este espaço no museu busca apresentar,

[...] os rituais sagrados Waurá, tais objetos carregam em si a representatividade dos seres espíritos Apapaatai, remanescentes mitológicos de tempos imemoriais em que havia interação direta entre todos as criaturas, e que permanecem presentes no cotidiano da etnia até os dias atuais, responsáveis por irradiar influências sobrenaturais no mundo indígena. Tais máscaras são o receptáculo físico de toda essa representação sagrada e mítica. Sua confecção e seu rito de uso são uma celebração em que homens e espíritos brincam e festejam boas energias (MHNMT, 2023).



Figura 5 – Máscaras Sagradas Waura

Fonte: Acervo do autor, 2022.

Na figura 5 observa-se a exposição das máscaras sagradas Waurá, em que os estudantes têm a oportunidade de conhecer alguns aspectos da cultura dos povos indígenas mato-grossenses.

Nos espaços externos do museu, é possível apreciar a exposição da réplica em tamanho real de dois dinossauros que habitaram Mato Grosso durante o período Cretáceo. Na figura 6, destaca-se a réplica do esqueleto do *Pycnonemosaurus Nevesi*, um dinossauro que habitava a região da Chapada dos Guimarães há cerca de 70 milhões de anos. Este dinossauro atingia aproximadamente 9 metros de comprimento, 4 metros de altura e pesava cerca de 4 toneladas. Era um predador, que caçava em bandos (Ribeiro *et al.*, 2022).



Figura 6 – Réplica do Esqueleto do Dinossauro *Pycnonemosaurus Nevesi*

Fonte: Acervo do autor, 2022.

Já na figura 7, observa-se o *Titanosaurus*. Esta espécie também habitava a região da Chapada dos Guimarães entre 84 e 66 milhões de anos, chegava a medir cerca de 20 metros de comprimento, a qual era conhecida como titãs herbívoros (que se alimentam de

vegetais). Chegando ao dobro do tamanho dos *Pycnonemosaurus*, no entanto, os Titanossauros serviam de alimentos para os *Pycnonemosaurus* (Ribeiro *et al.*, 2022).



Figura 7 – Réplica do Esqueleto do Dinossauro *Titanosaurus*

Fonte: Acervo do autor, 2022.

Cabe destacar, que o museu possui acesso à margem do Rio Cuiabá, na área urbana próximo ao município de Várzea Grande, onde é possível observar a paisagem ribeirinha próxima a ponte Sergio Motta.

Uma Tarde no Museu

A partir das atividades em campo, torna-se evidente que os estudantes compreendem de maneira mais concreta os conceitos geográficos previamente discutidos em sala de aula. No 1º ano do Ensino Médio conceitos como paisagem, lugar, espaço, território, tempo histórico, tempo geológico, ciclo das rochas são analisados pelos estudantes, de modo que, ao observar rochas, fósseis e maquetes presentes no museu, os



estudantes começam a estabelecer relações com os temas estudados em sala. Cravo (2021, p. 6) destaca, que a articulação dos conhecimentos geográficos e a educação em museus se desenvolvem a partir da compreensão de que, o museu é um local que serve como extensão das práticas pedagógicas, complementando a aprendizagem, cujo germe teve origem em sala de aula. Os espaços educativos no museu instigam os estudantes a compreender de forma palpável estes conceitos, de modo que,

[...] ir ao museu não é apenas se deslocar entre o espaço que separa a escola do prédio arquitetônico que comporta objetos temáticos pertinentes à museologia. Tampouco, é permanecer o tempo de uma visita num recinto que abriga o público. É algo cujo objetivo supera isso; e é muito mais: trata-se de algo mágico que transporta seus visitantes para outra dimensão – histórica, geográfica, cultural etc. tendo como fulcro a percepção da realidade que em sala de aula, tão-somente, seria difícil de ser alcançada (Cravo, 2021, p. 2).

A observação e análise das exposições do MHNMT frequentemente despertavam o senso de curiosidade nos estudantes, especialmente em relação a temáticas como os ritos e tradições dos povos originários, bem como, sobre os dinossauros, grandes répteis que habitavam a Terra milhares de anos atrás. Neste contexto, Sabota, (2019, p. 45) destaca que,

Quando trabalhamos com tempos diferentes, o espaço educativo de um museu surge como um aliado para assimilação [...], e pode ser plenamente aproveitado e explorado pelas escolas em diferentes atividades. Isto porque um dos pilares de atuação dos museus é a formação de seus visitantes, incentivando a criatividade e a participação das pessoas que o visitam. E por estimular a participação e a criatividade do público indiretamente, que os espaços museológicos oferecem possibilidades para os aprendizes estabelecerem relações e análises com determinados assuntos.

A aula em campo, sempre era seguida por atividades que acontecem durante e posterior ao campo, como um concurso de fotografia, com a temática “Paisagens Geo(foto)gráficas”, em que os estudantes refletiam sobre o conceito de paisagem de Milton Santos (2008) e capturavam imagens do museu utilizando seus próprios *smartphones*. Estas imagens eram posteriormente expostas à turma, por meio de um concurso de fotografia, o qual acontece posteriormente à atividade de campo, proporcionando uma reflexão sobre as diversas perspectivas do conceito de paisagem, aliada as reflexões dos diferentes espaços analisados no museu (Silva, 2023), na figura 8 é possível analisar algumas imagens do concurso de fotografias.

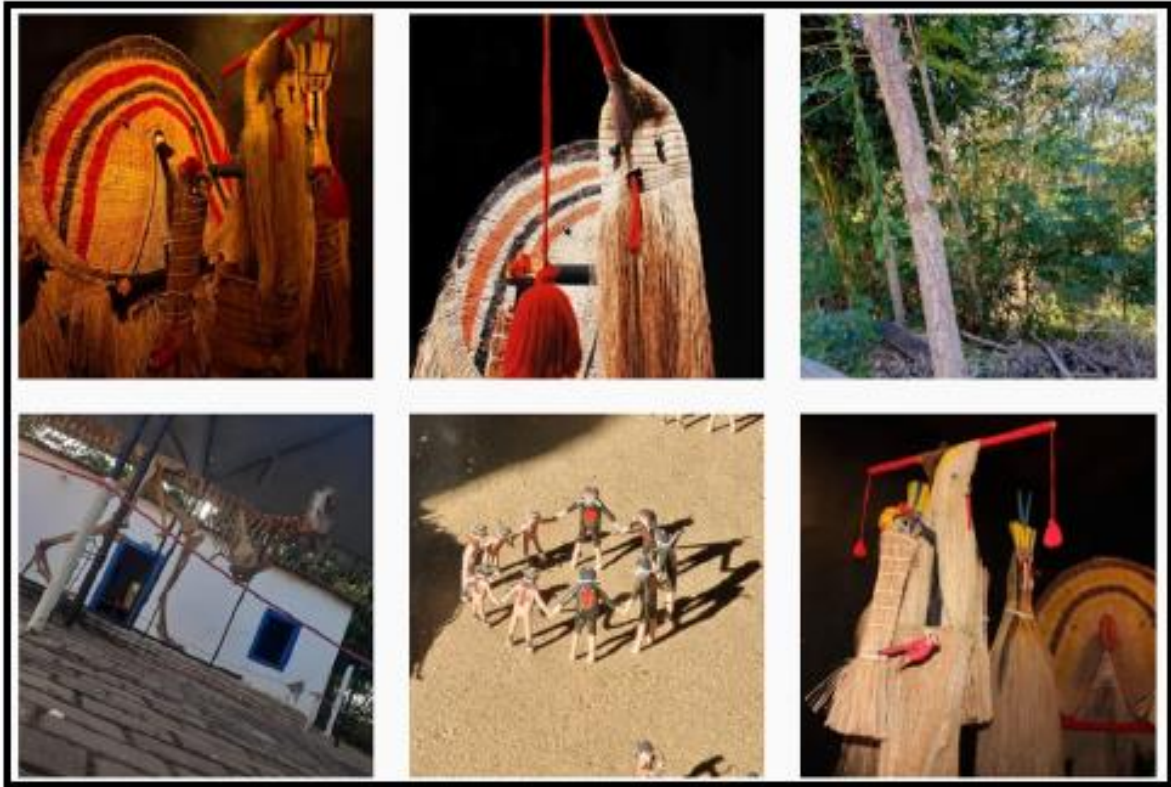


Figura 8 – Fotografias dos Estudantes

Fonte: Acervo do Autor, 2022.

Adicionalmente, foram elaborados relatos de experiência contendo a descrição das principais informações coletadas durante a aula de campo. Após a correção desses relatos, o docente sempre conduzia uma reflexão compartilhada com a turma, discutindo as atividades desenvolvidas durante a aula de campo e destacando a importância da interligação entre teoria e prática.

Considerações Finais

Desenvolver uma aproximação a espaços educativos fora da escola é uma tarefa desafiadora, pois requer a mobilização de diferentes agentes logísticos, como transporte, alimentação e segurança dos estudantes nos locais visitados. No entanto, a realização dessas atividades enriquece o processo de ensino-aprendizagem, proporcionando assim, uma alternativa à monotonia da sala de aula por meio das exposições do museu.

Não se pretende aqui criticar os espaços "tradicionais" de ensino, uma vez que, também desempenham um papel importante no processo de ensino-aprendizagem. Porém, destaca-se que, no contexto contemporâneo, as práticas pedagógicas dos professores devem considerar outros espaços, que, em algumas situações, podem ser mais enriquecedores para o aprendizado dos estudantes.



O MHNMT representa um espaço significativo para a disseminação do conhecimento em Mato Grosso. Além de estar aberto ao público diariamente, recebe regularmente escolas e instituições de ensino, contribuindo para aprimorar os processos de ensino-aprendizagem e proporcionar conhecimento científico, histórico, geográfico, paleontológico e artístico aos estudantes e à comunidade regional.

Referências Bibliográficas

CASTRO, J. R. B. de. Atividades de Campo em Geografia: Diferentes (re)leituras do espaço social a partir de um recorte regional – críticas, reflexões e proposições. *In: PORTUGUAL, J. F. (Org.). Educação Geográfica: temas contemporâneos*. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 205-220.

HIROOKA, S. S.; *et al.* O Patrimônio Paleontológico do Museu de História Natural de Mato Grosso: Lista taxômica e as suas atividades extensionistas. **Biodiversidade**, Rondonópolis – MT, v.19, n.4, p. 147-156, 2020. Disponível em < <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/view/11321> >. Acesso em 1 de dez. 2022.

MHNMT – MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DE MATO GROSSO, 2023. Disponível em < www.museuhistorianaturalmt.com.br > Acesso em 04 de jan. 2023.

OLIVEIRA, C. D. M. **Sentidos da geografia escolar**. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

RIBEIRO, V. R.; *et al.* Paleontologia: O que é e onde se encontram os fósseis em Mato Grosso. *In: KUHN, C. E. S.; et al. (Orgs.). História Natural de Mato Grosso*. Belo Horizonte: Federação Brasileira de Geólogos – FEBRAGEO, 2022. p. 69-88.

SABOTA, H. S. Ensino da Paisagem: O museu como um espaço educativo. *In: BUENO, M. A.; VEGA, A. G. L. (Orgs.). Paisagem e Ensino de Geografia*. Goiânia: C e A Alfa Comunicação, 2019. p. 41-56.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SILVA, G. M. S. Paisagens Geo(foto)gráficas: A fotografia como Instrumento Metodológico no Ensino de Geografia. *In: SILVA, A. T. B.; FOLMER, I.; NETO, B. C. (Orgs.). Geografia(s): Território, planejamento e educação*. Santa Maria – RS: Arco Editores, 2023. p. 224-231.

SILVA, G. M. S. O Trabalho de Campo como Instrumento Metodológico para o Ensino de Geografia. *In: Seminário de Educação 2019: Debates sobre educação, pesquisa e inovação*. 2019, Cuiabá. **Anais do Seminário de Educação 2019: Debates sobre educação, pesquisa e inovação**. Cuiabá: EdUFMT, 2019. p. 3236-3242. Disponível em < https://setec.ufmt.br/semiedu2021/anais_semiedu2019.pdf >. Acesso em 10 de dez. 2022.

SILVA, G. M. S.; OLIVEIRA, M. R. dos A. Olhares Geográficos Sobre a Cidade: Propostas metodológicas no ensino de geografia. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**. Recife, v. 3, n. 2, p. 221-239, 2020. Disponível em < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia/article/view/245332> >. Acesso em 15 de dez. 2022.

ZANQUETTA, V. R.; *et al.* História Natural, Museus e Educação. *In: KUHN, C. E. S.; et al. (Orgs.). História Natural de Mato Grosso*. Belo Horizonte: Federação Brasileira de Geólogos – FEBRAGEO, 2022. p. 143-150.